SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Relatos de Pesquisa

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15458

Aconselhamento de carreira grupal construcionista: Estudo de caso com jovens adultas/os

Constructionist group career counselling: A case study with young adults

Orientación profesional en grupo construccionista: Estudio de caso con adultos jóvenes

L'orientation professionnelle de groupe constructionniste : Une etude de cas avec ses jeunes adultes

Marcelo Afonso Ribeiro*
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
http://orcid.org/0000-0002-0396-7693

Andréa Knabem
Universidade Federal do Paraná, Matinhos, Paraná, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-2581-8656

Maria Celeste Couceiro Gama de Almeida
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-2980-5289

Luciana Aparecida Beliomini
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-7007-3614

Como citar
Ribeiro, M. A., Knabem, A., Almeida, M. C. C. G., & Beliomini, L. A. (2026). Aconselhamento de carreira grupal construcionista: Estudo de caso com jovens adultas/os. *Revista Subjetividades*, *26*(2), 1-15. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15458

Histórico de publicação
Submetido em: 05/09/2024 **Aceito em:** 13/08/2025 **Publicado em:** 01/07/2026

Resumo

A prática grupal em Aconselhamento de Carreira (AC) a partir de uma perspectiva construcionista é um projeto emergente; não há literatura específica sobre a temática, sendo importante incluir o AC como um dos possíveis campos do aconselhamento nas produções construcionistas brasileiras. Por meio da pesquisa de intervenção com estudo de caso, visamos sintetizar as principais proposições para um AC grupal construcionista, elaborando uma proposta de diretrizes para essa prática a partir da literatura construcionista sobre intervenções em grupo, bem como apresentar e discutir um caso de AC em grupo com jovens adultas/os, no qual essas diretrizes foram colocadas em ação. Os resultados apontaram potencialidades na proposta de intervenção, gerando mudanças narrativas e de reposicionamento social.

Palavras-chave: construcionismo social, intervenção psicossocial, orientação vocacional.

***Autor correspondente**
E-mail: marcelopsi@usp.br

CC BY NC

Abstract

Group practice in career counseling (CC) from a constructionist perspective is an emerging project with no specific literature on the subject, and it is relevant to include CC as one of the possible counseling interventions in Brazilian constructionist productions. Through intervention research with a case study, we aimed to synthesize the main propositions for CC constructionist group, drawing up a proposal for guidelines for this practice based on the existing constructionist literature on group interventions, and presenting and discussing a case of group CC with young adults in which these guidelines were put into action. The results of the intervention pointed to potential in the proposed intervention, generating changes in narrative and social repositioning.

Keywords: *social constructionism, psychosocial intervention, career counselling.*

Resumen

La práctica grupal en asesoramiento de carrera (AC) desde una perspectiva construccionista es un proyecto emergente sin literatura específica sobre el tema, siendo relevante incluir el AC como una de las posibles intervenciones de orientación en las producciones construccionistas brasileñas. A través de una investigación de intervención con un estudio de caso, nos propusimos sintetizar las principales proposiciones para el AC grupal construccionista, elaborando una propuesta de directrices para esta práctica basada en la literatura construccionista existente sobre intervenciones grupales, y presentando y discutiendo un caso de AC grupal con adultos jóvenes en el que estas directrices fueron puestas en acción. Los resultados de la intervención señalaron el potencial de la intervención propuesta, generando cambios en la narrativa y el reposicionamiento social.

Palabras clave: *construccionismo social, intervención psicosocial, orientación profesional.*

Résumé

La pratique de groupe dans l'orientation professionnelle (OP) dans une perspective constructionniste est un projet émergent sans littérature spécifique sur le sujet, et il est pertinent d'inclure l'OP comme l'une des interventions possibles dans les productions constructionnistes brésiliennes. Par le biais d'une recherche interventionnelle avec étude de cas, nous avons cherché à synthétiser les principales propositions de OP de groupe constructionniste, en élaborant une proposition de lignes directrices pour cette pratique sur la base de la littérature constructionniste existante sur les interventions de groupe, et en présentant et discutant un cas de OP de groupe avec de jeunes adultes dans lequel ces lignes directrices ont été mises en œuvre. Les résultats de l'intervention ont montré le potentiel de l'intervention proposée, générant des changements dans la narratif et le repositionnement social.

Mots-clés : *constructionnisme, intervention psychosociale, orientation professionnelle.*

Segundo Guichard (2022) e Ribeiro (2023), a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) é um campo teórico-prático interdisciplinar e pode ser definido como o auxílio especializado para reflexão e planejamento do futuro de trabalho e de carreira. Essa prática iniciou nas primeiras décadas do século XX e se caracterizou, basicamente, como a oferta de intervenções individuais em consultórios psicológicos e intervenções institucionais em escolas. Os enfoques psicométricos, desenvolvimentistas e decisionais foram os mais utilizados até o final dos anos 1990, quando mudanças sociais e do trabalho tiveram, gradativamente, lugar no mundo, gerando uma vida sociocultural e econômica mais flexível, mutante e complexa (Blustein, 2019). Diante disso, a OPC teve que se reinventar, e uma das propostas emergentes foi o giro narrativo (Rossier et al., 2021), inspirado em perspectivas construcionistas (Gergen, 2020), na psicologia narrativa (McAdams, 1993) e nas práticas narrativas (White, 2007).

De acordo com Gergen (2022) e McNamee (2010), o giro narrativo coloca a linguagem como central para a constituição da vida humana e a realidade concebida como uma construção relacional, gerada por meio de processos de produção de significados e sentidos. Os significados são produções coletivas que definem os principais discursos que moldam a estrutura e a dinâmica sociocultural, enquanto as narrativas são produções individualizadas constituídas na inter-relação com os discursos. A produção narrativa articula a linguagem aos processos psicológicos, reconstruindo as identidades e os posicionamentos sociais e fundamentando as práticas que atuam como reprodutoras ou construtoras das relações sociais.

Tanto a psicologia narrativa (e.g., *life design*) quanto as práticas narrativas (e.g., teoria sistêmica) têm fundamentado as práticas de OPC. No entanto, neste estudo, iremos nos basear nas perspectivas construcionistas como uma das propostas

narrativas em construção no campo da OPC (e.g., Kaliris & Issari, 2022; Ribeiro, 2022; Ribeiro et al., 2024; Souza & Scorsolini-Comin, 2011). Devemos apontar que o construcionismo não é um sistema teórico homogêneo, mas, sim, projetos heterogêneos de construção de princípios teórico-práticos, por isso o nomeamos como "perspectivas", no plural (Gergen, 2020). O construcionismo teve início nos anos 1990, com Young e Collin (2004) e McIlveen e Schultheiss (2012). Mais recentemente, Maree (2019) e McMahon e Abkhezr (2024) sintetizaram propostas narrativas em OPC. Apesar desse histórico, as revisões de literatura de Kang et al. (2017) e Stead e Subich (2017) afirmam que, após 30 anos, as perspectivas construcionistas ainda são um projeto emergente na OPC.

De modo sintético, o que une as perspectivas construcionistas (Gergen, 2020) são: (1) a *compreensão da realidade como relacional* e a produção do conhecimento como produto e produção dessas relações psicossociais; (2) *concepções ontológicas* que propuseram que nossos mundos são criados pelo que fazemos juntos; (3) *epistemologias intersubjetivistas*, nas quais o conhecimento é produzido nas relações e resultantes delas; e (4) *metodologias e práticas dialógicas e transformativas*, pois tanto a compreensão quanto a intervenção da e na realidade são coconstruídas e negociadas na própria relação psicossocial entre todas e todos.

Nesse sentido, as crises de carreira se definiriam como um processo problemático de construção de sentidos, resultando na organização da vida em torno de uma narrativa saturada em um único tema de vida; numa narrativa dominada por concepções distorcidas e por processos monológicos de produção de sentidos, que restringem opções de vida e potenciais mudanças nos padrões narrativos e no reposicionamento social (Rossier et al., 2021).

As propostas de intervenção em OPC construcionistas existem e, em geral, são realizadas de forma individual, como ocorre, predominantemente, na OPC, no Brasil. No entanto, de maneira distinta da tradição internacional (Stead & Subich, 2017), o Brasil tem um longo histórico de oferta de intervenções em grupo – da proposta pioneira baseada no psicodrama de Carvalho (1995) até as baseadas na psicanálise (Lehman et al., 2015). Apesar dessa tradição, não identificamos publicações sobre grupos de OPC construcionistas. Internacionalmente, o cenário da OPC construcionista grupal é semelhante, mas existem propostas em outras bases narrativas, como o *life design* (Di Fabio & Maree, 2012).

Objetivos e Justificativas

Assim, buscando contribuir para a proposição de prática grupal em AC, sob a perspectiva construcionista com fins clínico-operativos, este artigo tem um duplo objetivo. Primeiramente, a partir da literatura construcionista sobre intervenções em grupo, sintetizamos as principais proposições para um AC grupal construcionista, elaborando uma proposta de diretrizes para essa prática; e, em segundo lugar, apresentamos e discutimos um caso de AC em grupo, no qual essas diretrizes foram colocadas em ação.

Este estudo se justifica por três motivos principais. Em primeiro lugar, a prática grupal em AC construcionista é um projeto emergente (Kang et al., 2017). Em segundo lugar, não há literatura focada em propostas práticas ou reflexões sobre as práticas grupais em AC construcionista (McNamee et al., 2020). E, por último, as perspectivas construcionistas estão mais desenvolvidas no Brasil, nas psicoterapias e nos aconselhamentos (Fernandes & Nascimento, 2019), sendo importante incluir o AC como um dos possíveis campos do aconselhamento, como produção construcionista brasileira. Propomos, assim, a seguinte questão de pesquisa: quais são as características e estratégias que definem um AC grupal construcionista, como ele ocorre e quais são os potenciais resultados coconstruídos pela intervenção?

Princípios, Objetivos e Estratégias para uma Prática Grupal em AC Construcionista

Em primeiro lugar, vamos nos basear nas propostas grupais construcionistas de cunho terapêutico existentes, por visarmos propor um conjunto de diretrizes para um AC grupal construcionista com fins clínico-operativos, principalmente inspiradas e inspirados nas reflexões, discussões e proposições de Anderson (2017), Guanaes-Lorenzi (2017), Luna (2020), Rasera e Guanaes-Lorenzi (2020) e Rasera e Japur (2001, 2018). A partir da revisão de literatura em bases de dados nacionais (Pepsic e Scielo) e em livros publicados, selecionamos esses textos para a construção das diretrizes para um AC grupal construcionista, tendo como critério central a representatividade dos textos e autoras/es no campo construcionista grupal nacional, aferida, principalmente, pelas citações recebidas, para fundamentar discussões sobre práticas grupais. A posição de autoras/es em dado campo como informantes privilegiadas/os é um critério reconhecido pela literatura de pesquisa qualitativa construcionista (Spink, 2010).

Antes de apresentarmos as bases para práticas grupais construcionistas, vamos conceituar os fundamentos para uma prática terapêutica construcionista. Segundo McNamee (2012), sejam individualizadas, grupais, institucionais ou comunitárias, as práticas construcionistas "(1) centralizam processos relacionais que, por sua vez, geram a expansão de (2) práticas colaborativas e participativas que adotam visões de mundo alternativas por meio de uma (3) postura reflexiva" (p. 150). As práticas construcionistas se constituem como práticas narrativas, visando à construção de narrativas alternativas

para substituir discursos dominantes saturados de problemas, em um processo colaborativo de busca de novos significados, produtor de perspectivas, não de certezas, de forma crítica ao instituído. De base compreensiva relacional, as práticas focam na construção narrativa com reconstrução identitária e na linguagem como coprodutora da realidade por meio da produção de sentidos e significados, com foco na relação, no processo e nas potencialidades (Gergen, 2020). A coconstrução narrativa, como estratégia primordial, é o recurso principal do processo de intervenção, sempre com ênfase polivocal, questionando determinismos e buscando mudanças tanto narrativas quanto sociais (McNamee, 2012).

No tocante ao trabalho em grupo, Rasera e Guanaes-Lorenzi (2020) conceituam o dispositivo grupal como "uma prática discursiva, uma maneira de criar realidades por meio da linguagem, que produz certas formas de relacionamento entre seus membros" (p. 161), o que significa "mudar a atenção para forma como produzimos o grupo no processo de intercâmbio social" (p. 162), ou seja, o grupo como construção social e relacional (Rasera & Japur, 2018).

Segundo Luna (2020), um dispositivo grupal construcionista permite desconstruir a visão das/os participantes quanto aos discursos sociais dominantes e reafirmar seus direitos de escolha e de ter um futuro de trabalho digno, com base numa concepção relacional da ética, na qual se destaca "a construção relacional do suporte à pessoa e aos sentidos das suas histórias" (p. 51). Isso ocorre por meio de práticas colaborativas que, segundo Anderson (2017), possibilitam o posicionamento crítico e o questionamento sobre os discursos sociais dominantes, a prevenção de generalizações e a procura por compreender as singularidades, sem ignorar o que há de comum entre as pessoas, e o privilégio ao conhecimento local, ao deixar claro que as pessoas são as que sabem mais sobre si do que qualquer outra pessoa. Assim, busca-se um processo de horizontalização fundamentado em conversas dialógicas e reflexivas, em um diálogo aberto para coconstruções com as/os demais. Rasera e Guanaes-Lorenzi (2020) preconizam quatro princípios para intervenções em grupo em contextos terapêuticos, o que inclui o AC.

Em primeiro lugar, "o foco na linguagem e nos processos de produção de sentido" (p. 161), buscando criar condições relacionais para a coconstrução de narrativas alternativas que possam gerar modos e sentidos de vida, pois "transformar significados e sentidos é transformar identidades e práticas" (p. 162). Por meio das conversas em grupo, "as/os participantes enriquecem o diálogo consigo mesmas/os ouvindo as/os outras/os" (pp. 162–163). Em segundo lugar, "a valorização de posturas colaborativas, dialógicas e reflexivas na organização da conversa" estruturadas por meio da "construção de um espaço interativo específico que permita que as pessoas se envolvam em uma ação conjunta de produção e negociação de significados e sentidos" (p. 164) pelas quais possam reduzir o isolamento social e construir redes de solidariedade, de colaboração e de empoderamento. A/O terapeuta de grupo age como um/a parceira/o de diálogo, não um/a especialista, baseada/o na ideia da conversa com pessoas, e não sobre as pessoas. Em terceiro lugar, "a análise da implicação da identidade do processo do grupo" (p. 165), observando os distintos posicionamentos gerados na realidade conversacional, destacando discursos sociais prevalentes, bem como as possibilidades de legitimar e negociar esses posicionamentos nas relações grupais. E, por último, "uma preocupação ético-política sobre o trabalho em grupo" (p. 166), na qual refletimos sobre as possibilidades de renegociar coletivamente objetivos e modos de funcionamento grupal, encorajando as/os participantes a empreender ações para além do grupo, incluindo sua rede de relações no trabalho grupal, fazendo com que o dispositivo grupal se estenda para o social, tornando-o um espaço de questionamento sociocultural, ético e político.

Em termos da estratégia, o trabalho grupal envolve dez ações distintas, que foram inspiradas nas propostas de Anderson (2017), Guanaes-Lorenzi (2017), Luna (2020), Rasera (2015) e Rasera e Japur (2006): (1) *Constituição do grupo* com um número máximo de 12 e mínimo de cinco pessoas, como recomenda Guanaes-Lorenzi (2017), e duas/dois coordenadoras/es (o trabalho em dupla é necessário, pois um/a coordenador/a assume a condução do grupo e a/o outra/o assume o papel de observação ativa) concebidas/os como parceiras/os conversacionais, pois o trabalho é com o grupo, não sobre ou para o grupo (Rasera & Japur, 2006); (2) *Acordo de convivência* (ou contrato grupal como meio de delimitar algumas condições de produção de sentido durante o trabalho grupal), construído nos primeiros encontros em termos de faltas, atrasos, novas/os participantes, sigilo, número de encontros e periodicidade, destacando que o AC tem um foco definido (auxílio especializado para reflexão e planejamento do futuro de trabalho e de carreira) e um tempo limitado (média de cinco a sete encontros de duas a três horas) com um *modus operandi* relacional, ou seja, o trabalho de reflexão e planejamento será sempre realizado de forma dialogada (Luna, 2020); (3) *Constituição do dispositivo grupal* pela formação da rede conversacional e relacional, ou seja, constituição do grupo como um espaço-tempo único de relações definido pela responsabilidade relacional mútua (Gergen, 2020); (4) *Agenda grupal*, na qual o ponto de partida dos diálogos são as histórias individuais a partir das quais serão coconstruídos os temas a serem trabalhados no processo grupal, em um movimento que parte do singular, é trabalhado no grupo e retorna à pessoa (Ribeiro, 2022); (5) *Disparadores de conversa*, que se definem como temas comuns escolhidos pelas/os participantes a serem trabalhados em cada encontro (Rasera, 2015); (6) *Perguntas condicionais e conversacionais*, sendo as primeiras para narrativas das histórias singulares, e as segundas, para reflexões grupais (Guanaes-Lorenzi, 2017); (7) *Atividade de ligação* (ou tarefa de casa), que são atividades realizadas pelas/os participantes entre os encontros do grupo para manter o trabalho grupal em ação nesse intervalo (Anderson, 2017); (8) *Postura reflexiva* da dupla de coordenadoras/es (parceiras/os conversacionais, doravante nomeadas/os de CD) para a construção de diálogos conversacionais por meio de perguntas condicionais e conversacionais (Rasera, 2015); (9) *Incentivo à realização da finalidade clínico-operativa do*

trabalho grupal, pois visa tanto à reconstrução narrativa e identitária (finalidade clínica) quanto à coconstrução de planos de ação futuros de trabalho e carreira (finalidade operativa) (Ribeiro, 2022); e (10) *Síntese do encontro* (ou retomada do encontro anterior), no qual é feito convite para que as/os participantes relatem o vivido no encontro anterior e as/os CDs (parceiras/os conversacionais) possam fazer ponte com o encontro que se iniciará (Luna, 2020).

Rasera e Japur (2006) identificam quatro momentos grupais entendidos como processos conversacionais. O primeiro é a *construção do dispositivo grupal* pela aproximação narrativa entre as/os participantes e a produção da rede relacional, na qual ocorre a corresponsabilização das/os participantes pelo trabalho grupal e o compromisso ético-político de auxílio mútuo e coconstrução. O segundo é a construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, visando à reconstrução de si por meio da *fusão narrativa com grupo* e do questionamento dos discursos sociais dominantes. O terceiro é a *transição*, na qual o grupo inicia o processo de separação narrativa e autonomização. O último é a *autonomização narrativa* pela coconstrução de narrativas alternativas de transformação, visando à projeção do futuro de trabalho e de carreira e à mudança discursiva como ideal.

Método

Utilizamos um método qualitativo, definido como pesquisa de intervenção, que visa coconstruir soluções para questões práticas, criando e avaliando práticas emergentes, por exemplo, uma prática grupal, nosso caso de pesquisa (Damiani et al., 2013). A pesquisa de intervenção se define como uma pesquisa aplicada que trabalha com dados criados, envolvendo avaliação rigorosa e sistemática apoiada em métodos científicos dos efeitos da prática realizada, e não somente descrições dos seus efeitos, por isso se diferencia dos relatos de experiência. Para sua validação, foi utilizado o método de estudo de caso que, segundo Stead et al. (2012), busca estudar com profundidade pessoas, fenômenos sociais ou estratégias de intervenção, avaliando suas possibilidades e limites, sendo uma ferramenta metodológica significativa para testar a construção de inovações práticas.

Participantes

O *grupo de participantes* foi constituído por 11 jovens adultas/os interessadas/os em refletir sobre si e sobre suas carreiras, bem como em redesenhar seu futuro de trabalho, com idade entre 25 e 39 anos (M = 30,45; DS = 2,75), sendo oito mulheres (72,73%) e três homens (27,27%), como é a proporção característica do serviço universitário no qual foram atendidas/os, a maioria com curso superior completo e trabalhando. O AC grupal foi feito por dupla de CDs (parceiras/os conversacionais) com especialização em OPC e experiência no modelo utilizado, sendo uma mulher e um homem, classe média, psicólogas/os, em um serviço universitário de OPC, supervisionadas/os pelo primeiro autor do artigo. O processo todo foi supervisionado de maneira horizontal e acompanhado tanto pela dupla de CDs quanto por um grupo de cinco psicólogas/os especialistas em OPC (*grupo de supervisão*), que compunham o núcleo de atendimentos de adultas/os no serviço universitário – *locus* da intervenção.

Medida

Utilizamos a Escala de Avaliação Qualitativa da Adaptabilidade de Vida e Reflexividade (LAQuA) proposta por Di Fabio (2015), como ferramenta de avaliação qualitativa da efetividade da intervenção em AC, com base na avaliação da "mudança ou a falta de mudança na narrativa de vida de uma pessoa ao longo do tempo" (p. 47), estando alinhada com a perspectiva socioconstrucionista. A ferramenta avalia por meio de um sistema de codificação baseado em cinco categorias de mudança: (a) reflexividade aumentada – aprofundamento reflexivo sobre narrativas já construídas anteriormente; (b) reflexividade revista – surgimento de novas narrativas; (c) reflexividade aberta – ampliação narrativa; (d) reflexividade aprimorada – diversificação narrativa; e, por fim, (e) sem mudança.

Intervenção – Estratégia de AC Inicialmente Proposta e Etapas do Processo

O AC ocorreu de forma grupal em seis encontros semanais de duas horas coordenados por uma dupla. Trabalhou-se o processo de construção de narrativas, a identificação de discursos sociais nelas, a desconstrução das narrativas e dos discursos sociais e a reconstrução narrativa, com a coconstrução da reflexividade e do reposicionamento social, da produção e da negociação grupal de sentidos e significados, e a reconstrução de projetos e planos de ação.

Procedimentos, Análise dos Resultados e Cuidados Éticos

Recrutamos os/as participantes com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguido das intervenções em AC com base no modelo proposto, acompanhadas por supervisões semanais em grupo. Realizamos as

análises das narrativas individuais das/os participantes e grupais por meio da LAQuA, com a colaboração de três juízes/as especialistas em AC, buscando identificar mudanças, ausência de mudanças e tipos de mudança realizadas de forma qualitativa por meio do sistema de codificação proposto. E, por fim, discutimos limites e potências da proposta visando aprimoramentos.

Segundo Damiani et al. (2013), a pesquisa de intervenção produz dois tipos de resultados: achados relativos aos efeitos da intervenção sobre seus/suas participantes e os relativos à intervenção propriamente dita. Isso, por conseguinte, demandou dois tipos de análise dos resultados na presente pesquisa: a análise da mudança narrativa por meio da LAQuA e a reconstrução do processo de AC por meio de processos dialógicos realizados pelo grupo de supervisão que acompanhava as discussões.

Buscamos respeitar todos/as os/as participantes do estudo em sua dignidade e liberdade, sendo tomados os cuidados éticos necessários em uma investigação qualitativa com assinatura de TCLE, com a designação dos/as participantes por pseudônimos. Além disso, evitamos incluir os detalhes dos atendimentos desnecessários para os objetivos dos estudos de caso. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética Institucional.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Apresentamos, aqui, dois conjuntos de resultados: (a) proposta de diretrizes para um AC grupal construcionista, com base na literatura selecionada, definindo suas características e estratégias centrais; e (b) apresentação e discussão de caso de AC em grupo com jovens adultas/os em que essas diretrizes foram colocadas em ação, visando analisar como ele ocorre e quais potenciais resultados coconstruídos pela intervenção.

Diretrizes para um AC Grupal Construcionista

A *base conceitual* é relacional, com foco na construção narrativa com reconstrução identitária e na concepção de que a linguagem coconstrói a realidade pela produção de sentidos e significados. Assim, práticas grupais construcionistas são centradas em processos relacionais que fomentam práticas colaborativas, visando reconstruir as narrativas saturadas e coconstruir perspectivas, de forma crítica ao instituído pela reflexividade (Gergen, 2020; McNamee, 2012). Os *objetivos* são auxiliar o processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, nomeando as experiências de vida, desconstruindo criticamente vozes externas, ao compreender a narrativa dominante e coconstruir novas narrativas contextualizadas, gerando reposicionamento social (Ribeiro et al., 2024).

Aspectos Técnicos

Tipo de Modalidade Grupal

A modalidade grupal define-se por intervenções de grupo não estruturadas, partindo das pessoas para o grupo, trabalhando com o grupo e retornando para as pessoas (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2020) por meio de um modelo clínico-operativo (Ribeiro, 2022) que busca a reconstrução narrativa e identitária (finalidade clínica) e a coconstrução de planos de ação futuros de trabalho e carreira (finalidade operativa). Tem foco definido (refletir e planejar o futuro de trabalho e de carreira) e limite no tempo (número de encontros predefinidos), visando manter o foco e evitar dispersão para outros temas de vida (Guichard, 2022). A função de enquadre limitado do tempo (tempo finito) e de intervenção, focada na construção do projeto de vida de trabalho, (tema definido) é enfrentar resistências e permitir a enunciação da narrativa saturada, o que possibilitará sua reconstrução (Rossier et al., 2021).

Formação e Composição do Grupo

Formamos o grupo com pessoas experienciando momentos de vida e conflitos semelhantes, de faixa etária similar, com diversidade de escolaridade, interesses profissionais, classe, gênero e raça. Os grupos têm de cinco a 12 pessoas, número adequado para gerar integração grupal e diversidade de contribuições (Guanaes-Lorenzi, 2017), por meio de cinco a sete encontros semanais de duas a três horas, coordenados por uma dupla, em que um/a assume a condução do grupo, e a/o outra/o, o papel de observação ativa, trocando de papéis ao longo dos encontros (Rasera & Japur, 2006).

Função das/os CDs

Concebidas/os como parceiras/os conversacionais, pois o trabalho é com o grupo, não sobre ou para o grupo, as/os CDs buscam a construção relacional de diálogos conversacionais, dando voz a todas/os envolvidas/os no processo grupal de

dentro e fora do dispositivo grupal numa ênfase polivocal, questionando determinismos e enfrentando-os relacionalmente para gerar mudanças (Rasera & Japur, 2006).

Principais Estratégias

As principais estratégias foram: *disparadores de conversa* (temas comuns escolhidos pelas/os participantes a serem trabalhados em cada encontro, Rasera, 2015); *perguntas condicionais* para narrativas das histórias singulares *e conversacionais* para reflexões grupais (Guanaes-Lorenzi, 2017); *atividades de ligação* (Anderson, 2017); *diálogos conversacionais* (Rasera, 2015); *instrumentos intermediários* (técnicas lúdicas de grupo, colagens e jogos para facilitar o processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa) e estratégias de *busca ativa da informação sobre trabalhar e mundos do trabalho* (Ribeiro, 2022).

Processo Grupal

Houve a coconstrução dos quatro momentos grupais definidos por Rasera e Japur (2006): (1) *construção do dispositivo grupal*; (2) *fusão narrativa das/os participantes com grupo*; (3) *transição*; e (4) *autonomização narrativa*.

Apresentação e Discussão do Caso de AC Grupal Construcionista com Jovens Adultas/os

O AC grupal aconteceu em 2023, em um serviço universitário de OPC, com um grupo de 11 jovens adultas/os (Tabela 1), configurado em seis encontros semanais de duas horas (limite no tempo). Os encontros foram coordenados por uma dupla de CDs para reflexão e planejamento do futuro do trabalho e da carreira, por meio da construção, da desconstrução e da reconstrução narrativa, sempre em coconstrução, visando novas narrativas de futuro articulado com reposicionamento social (foco definido). Cada participante recebeu um nome fictício para preservar o anonimato, sendo, doravante, nomeada/o como orientanda/o, no gerúndio, para indicar pessoa em ação, como propõe Blustein (2019). O processo grupal coconstruiu os quatro momentos definidos e trabalhou de forma colaborativa para realizar sua finalidade clínica (reconstrução narrativa e identitária) nos três primeiros encontros, seguidos de um momento de transição (quarto encontro), e para cumprir sua finalidade operativa (coconstrução de planos de ação) no quinto e no sexto encontros.

Tabela 1

Caracterização das/os participantes

Nome	Idade	Formação Superior	Situação de trabalho	Demanda expressa
Ângela	26 anos	Incompleta	Trabalhando	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito
Bárbara	36 anos	Completa	Desempregada	Transição de carreira
Beatriz	34 anos	Incompleta	Trabalhando	Transição de carreira
Glória	27 anos	Completa	Trabalhando	Conciliar carreira e família
Graça	32 anos	Completa	Afastada por adoecimento mental	Não saber o que fazer Medo de ficar sem dinheiro
Hugo	34 anos	Completo	Trabalhando	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito
Kelly	27 anos	Completo	Trabalhando	Ter uma carreira
Laerte	27 anos	Completo	Desempregado	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito Ter uma carreira
Melina	39 anos	Completo	Desempregada	Confirmar se está na profissão certa Desenvolver estratégias de busca de emprego
Manoel	28 anos	Completo	Trabalhando	Transição de carreira
Vivian	25 anos	Incompleto	Trabalhando	Confirmar se está na profissão certa

Caracterização do Grupo

As perspectivas construcionistas preconizam que a compreensão de dada realidade deve ser contextualizada para produzir significados. Nesse sentido, apresentar a caracterização das/os participantes é central. O grupo analisado foi formado por adultas/os jovens (25–39 anos) com formação superior (completa ou incompleta, homens e mulheres), definido, em sua maioria, por pessoas em início de carreira – momento de experimentação, com trajetória não consolidada, na busca da construção de suas carreiras (Ribeiro, 2024).

Conforme apontou a *International Labour Organization* (ILO, 2022), experienciam uma *exploração identitária*, como disseram Laerte: "Estou preocupado com o que eu realmente quero [...] preciso criar uma carreira" e Hugo: "O trabalho tem que fazer sentido". Vivem a *incerteza* e a *instabilidade*: "E se eu ficar sem dinheiro?" (Graça) e *vivenciam o entre*, pois não se consideram adultas/os ainda, como falou Vivian: "O que é ganhar na vida? O que é vencer na vida?", em um *misto de autocentramento e de foco na/o outra/o*, como diz Laerte: "Eu me comparo com outros amigos de 22 a 25 anos, fazendo carreira [...]". E significam a vida como marcada por possibilidades, mas também por restrições, como destaca Vivian: "Nunca vou conseguir entrar numa faculdade pública [...] sou incapaz disso".

Enfrentam o momento de transição para a vida adulta determinado por um processo fluido, longo e pouco regulado, criando situações de exploração de futuros possíveis, mas com vivências intensas de instabilidades e sentimentos conflitantes. Ademais, valorizam a autonomia e a independência ("O trabalho tem que fazer sentido" [Hugo], mas, muitas vezes, são causas de sintomas como ansiedade e depressão: "Para mim trabalhar é trabalhar sem sofrimento" [Graça]). As questões de gênero que marcam a vida de mulheres, principalmente, ("Como conciliar carreira e família? A família é prioridade" [Glória]) e questões de classe que constroem narrativas marcadas por inferioridade ("Nunca vou conseguir entrar numa faculdade pública [...] sou incapaz disso" [Vivian]) deixam claro a necessidade de contextualizar.

Estratégias Utilizadas

Para facilitar o processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa, foram utilizados disparadores de conversa, perguntas condicionais e conversacionais, atividades de ligação, diálogos conversacionais, estratégias de busca ativa da informação sobre trabalhar e instrumentos intermediários. Entre esses instrumentos, estão: (a) *apresentação grupal inicial*; (b) *ateliê autobiográfico* (trabalho em tríades, nas quais cada orientanda/o narra sua trajetória de vida educacional e de trabalho, outra/o registra por escrito a narrativa construída e um/a terceiro/a faz a narrativa para a/o autor/a da trajetória); (c) *mandala* (expressão gráfica na qual cada orientanda/o coloca as dimensões de sua vida dentro de um círculo, delimitando um espaço específico para cada uma); (d) descrição de um dia na sua vida daqui a *cinco anos*; (e) construção de *tabela comparativa dos discursos sociais sobre sucesso e as narrativas pessoais com posterior contraste;* e (f) construção de um *plano de ação de trabalho*. Todas são utilizadas em processos de AC e aqui adotadas, não sendo criações das/os autoras/es.

Processo Grupal

Primeiro Encontro

O objetivo principal foi a *constituição do dispositivo grupal* e a exploração de si (projeto de vida), instaurando um processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, via coconstrução grupal. Inicialmente, foi proposto que cada orientanda/o narrasse ao grupo quem era e qual sua demanda para o AC (*pergunta condicional* inicial para coconstrução de narrativas das histórias singulares). Conforme cada um/a ia se apresentando, as/os CDs, como parceiras/os conversacionais, fomentavam a reflexão grupal, facilitando a construção de diálogos conversacionais por meio de *perguntas conversacionais* que reconstruíam as demandas singulares como demandas grupais (necessidades, experiências e momentos de vida comuns), por isso um trabalho de (e com o) grupo. Cada orientanda/o ia se animando para comentar as narrativas construídas pelas/os demais, como a seguir. Vivian diz: "Estou pensando em largar tudo e fazer o curso de X". Glória intervém: "Entendo que tenha pressão por deixar algo que você já conquistou". Vivian reage: "Isso. Tenho insegurança para saber se seria uma boa profissional".

Esse movimento de coconstrução visava à constituição do dispositivo grupal pela formação da rede conversacional e relacional pautada na responsabilidade relacional mútua (continência das angústias e idiossincrasias singulares pelo dispositivo grupal), preparando para a *fusão narrativa das/os orientandas/os com grupo* e buscando questionar os discursos sociais dominantes e a construção, a desconstrução e a reconstrução narrativa e identitária.

Entre as principais demandas manifestadas por, no mínimo, duas/dois a quatro orientandas/os, estavam: descobrir o que gostava e/ou se tinha propósito; buscar a transição de carreira; confirmar se estava na profissão certa e ter uma carreira, que são narrativas de trajetórias de tentativas e de não consolidação ainda (Tabela 1). O objetivo da nomeação das

experiências (crises de carreira) permitiu constituir uma agenda grupal a ser trabalhada: aumento de reflexividade, pois as/os orientandas/os tinham escolhas e trajetórias, mas lhes faltava apropriar-se delas, desconstrução da narrativa saturada, geradora da crise de carreira que as/os levou a buscar um AC, reconstrução de novas narrativas e questionamento do lugar do trabalho e do sentido do trabalhar. O *acordo de convivência* (ou contrato grupal), no qual as/os CDs apresentavam a proposta de trabalho (AC) reconstruída pelo grupo, buscava coconstruir as condições de trabalho grupal, em termos da delimitação das condições de produção de sentido no processo grupal, normas de convivência e condições objetivas (faltas, atrasos, sigilo etc.).

Segundo Encontro

Todo encontro iniciava com a retomada do encontro anterior (*síntese do encontro*), no qual o grupo era convidado a relatar o vivido no encontro anterior e as/os CDs, como parceiras/os conversacionais, faziam a ponte com a proposta planejada para o encontro a se iniciar. Foi proposta a realização do *ateliê autobiográfico*, conforme já descrito, visando fortalecer a *fusão narrativa das/os participantes com o grupo* para o questionamento dos discursos sociais dominantes e construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, e, consequentemente, a *constituição do dispositivo grupal*. As tríades se formaram, realizaram o trabalho proposto de coconstrução narrativa e se apresentam ao grupo todo, processo que deixou clara a formação grupal, pois um/a começa a complementar a frase da/o outra/o, dar sugestões e comentar as narrativas das/os outros, como apontou Graça: "Eu existo. A pessoa está me lendo [...] então, eu existo".

As crises de carreira construídas narrativamente no primeiro encontro foram reapresentadas, no entanto, ainda como narrativas saturadas, sem movimento de reflexão (pensar sobre), nem reflexividade (pensar sobre e tentar mudar). Repetiram as narrativas já construídas como narrativas saturadas, sem conseguir se apropriar de suas histórias, com cada um/a tendo um tema de vida que retorna (processo monológico de produção de sentidos). Graça apresentou, no primeiro encontro, sua narrativa saturada: "E se eu ficar sem dinheiro?", narrada, novamente, na reflexão sobre a atividade realizada: "Preciso de estabilidade financeira" – este foi o não movimento do grupo em geral. As/os CDs tentavam ampliar a reflexividade no grupo, que repetia o já dito sem se aprofundar, com poucas respostas, denotando a dificuldade de reconstrução narrativa. Além disso, o futuro de trabalho, o foco do AC, não foi o tema das narrativas produzidas, por isso, para o próximo encontro, foi proposta a construção de uma *mandala* para compreender e discutir o lugar do trabalho na vida de cada um/a, como *atividade de ligação* para manter o trabalho grupal em ação entre os encontros.

Terceiro Encontro

A *síntese do encontro* deixou clara a *constituição do dispositivo grupal* pela *fusão narrativa das/os participantes com o grupo*, com a possibilidade do experimentar compartilhado gerador de coconstrução, como apontam: "Estar aqui e ver outras pessoas que estão aqui com as mesmas dificuldades traz um certo alívio" (Graça) e "Ver outra pessoa que está ruim, ajuda" (Laerte).

Cada um/a apresenta sua *mandala* e as dimensões narradas são: "saúde, família, vida social, lazer, dinheiro, fama/sucesso e propósito", bem como a realização e o dinheiro são as mais importantes. "É legal pensar nas possibilidades que o trabalho vai te proporcionar" (Graça); a vida "tem a ver com o propósito" (Ângela); "família é o projeto mais importante" (Glória); "você não pensa no agora, só no futuro, isto causa ansiedade" (Laerte); "a rede de apoio é mais importante do que ganhar o dinheiro" (Glória) e "a coisa do dinheiro é muito forte" (Graça). Poucas/os colocam o trabalho na *mandala*; ele é significado como um meio, e não como um fim, não ocupando um lugar central, o que a literatura tem hipotetizado como caracterização de jovens adultas/os (Ribeiro, 2024). Houve dificuldade de construção de narrativas apropriadas e completas, principalmente no tocante ao futuro de trabalho (foco do AC), com a apresentação de fragmentos de ideias sem articulação ("Como se não tivesse história" [Laerte]), denotando uma dificuldade de narrabilidade, ou seja, de construir uma narrativa com sentido para si e para as/os outras/os. No entanto, o grupo investiu muito na mandala, realizando produções complexas, ressignificadas pelos *diálogos conversacionais* fomentados pelas *perguntas conversacionais*, inicialmente das/os CDs e, agora, das/os próprias/os orientandas/os. Para o próximo encontro, foi proposta a "descrição de um dia de sua vida para daqui a cinco anos", como *atividade de ligação*, para retomar a reflexão do lugar do trabalho na vida de cada um/a e reafirmar o foco da tarefa grupal.

Quarto Encontro

Esse encontro foi um momento de *transição* com o início do processo de separação narrativa e a autonomização – transição do projeto de vida para o plano de ação. A *síntese do encontro* introduziu a questão do lugar do trabalho na vida delas/es e as/os CDs propuseram refletir sobre como foi fazer a atividade e como cada um/a se viu nela, mais do que descrever a atividade.

Muitas/os narraram a vontade de um trabalho flexível que não fosse a atividade central da vida, mas não sabiam como tornar isso um plano de ação concreto e efetivo. Laerte disse que foi difícil fazer e que sentiu "falta de esperança". Glória falou que queria um "trabalho que permita que entregue a demanda e saia no meu horário". Graça ressaltou: "não quero que o trabalho seja o centro de minha vida. Minha prioridade é minha saúde". Kelly disse que a "primeira imagem: casa, a minha casa. Meu espaço decorado e do meu jeito". Manoel complementou: "Finalmente, você está bem, com dinheiro, com família, feliz, mas não consegue ver com clareza o que fazer, parece que tem uma névoa". Novamente, os *diálogos conversacionais* foram fomentados pelas *perguntas conversacionais*, agora, pelas/os próprias/os orientandas/os.

Todas/os fizeram uma reflexão mais autocentrada; no entanto, a vida é coconstruída em relação, por isso foi proposta como *atividade de ligação* a construção de uma *tabela comparativa dos discursos sociais* (o que cada um/a imagina que para a sociedade seja) sobre sucesso, trabalhar, remuneração, envolvimento com a família e propósito, assim como as *narrativas pessoais* (o que para você é) *com posterior contraste*, para que o grupo pudesse vivenciar o último momento do processo grupal de *autonomização narrativa* pela coconstrução de narrativas alternativas de transformação, em busca de projetar futuros de trabalho e de carreira, articulando e integrando projeto de vida com plano de ação (finalidade clínica com operativa).

Quinto Encontro

A *síntese do encontro* propôs as três reflexões apresentadas no encontro anterior e as/os orientandas/os deixam claras as dificuldades de autoconhecimento para reconstrução narrativa e identitária ou para construção do plano de ação, ou, em alguns casos, para as duas, gerando uma angústia intensa com relação ao futuro. No entanto, a reflexividade emergiu, aumentou ou foi aprimorada, como proposto pela LAQuA, o instrumento utilizado para avaliação da intervenção. Alguns exemplos podem ser observados a seguir.

Melina dizia, inicialmente, que "gosta do que faz, mas quer a confirmação de sua habilitação e vocação, e desenvolver estratégias de procura de emprego", dissociando projeto de vida de plano de ação e, depois, apontou que precisava "traçar um caminho que atenda as expectativas da sociedade e as minhas e tem de estar dentro do plano de ação", numa reflexividade aumentada, com aprofundamento reflexivo sobre narrativas construídas anteriormente. Kelly afirmava, a princípio, que gostaria de "transformar em profissão alguma coisa", mas sem grandes aprofundamentos. Na atividade, ela concluiu que: "Eu congelei no propósito e na família. Precisa pensar no contexto, não dá para não considerar só fazer o que eu quero", numa reflexividade aumentada, pois não havia reflexão, e ela emergiu. Hugo, inicialmente, narrava que precisava "encontrar algo que lhe agrade e faça sentido, um propósito", depois, destacou que foi a atividade mais difícil: "A terceira questão que foi difícil, não consegui desenrolar", ou seja, reflexividade aprimorada, pois havia reflexão sobre projeto de vida e, posteriormente, o plano de ação emergiu como dimensão igualmente importante, num processo de diversificação narrativa. Quatro orientandas/os não completaram o processo de reconstrução narrativa com consequentes mudanças na reflexividade e abandonaram o grupo antes do fim.

Assim, compreendem a necessidade de construir um plano de ação em coconstrução, não sendo somente o que elas/es desejam, saindo do isolamento individualizante e tendo que dialogar e negociar com o contexto (momento grupal da *autonomização narrativa*), o que permitiu o início do questionamento das narrativas saturadas e a constatação da necessidade de ampliar a construção de sentidos, a desconstrução e a reconstrução narrativa com reposicionamento social. Nesse cenário, o último passo seria construir o plano de ação para "pensar mais no ponto de partida do que no de chegada", sendo a *atividade de ligação* proposta.

Sexto Encontro

A *síntese do encontro* refletiu sobre o processo como um todo, que o grupo iria concluir com o plano de ação. Nesse momento de *autonomização narrativa*, um plano de ação pôde ser coconstruído (ou, pelo menos, a conscientização da necessidade de fazê-lo ou da impossibilidade de fazê-lo naquele momento para algumas/uns). O contraste entre a demanda inicial e o plano de ação (Tabela 2) deixou claro esse processo e a realização dos objetivos para um AC: reflexão e planejamento do futuro de trabalho e carreira. O grupo foi finalizado com um *feedback* de todas/os para com todas/os, incluindo a dupla de CDs, que se colocaram à disposição como referência para conversas pontuais *a posteriori*, para lidar com questões emergentes do plano de ação.

Tabela 2

Contraste entre a demanda inicial e o plano de ação

Nome	Idade	Demanda expressa	Plano de ação construído
Ângela	26 anos	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito	Ausente no último encontro
Bárbara	36 anos	Transição de carreira	Ausente no último encontro
Beatriz	34 anos	Transição de carreira	Desistência do AC por conseguir emprego
Glória	27 anos	Conciliar carreira e família	Ausente no último encontro
Graça	32 anos	Não saber o que fazer Medo de ficar sem dinheiro	Ter um trabalho principal e fazer vários projetos paralelos
Hugo	34 anos	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito	Ainda em exploração
Kelly	27 anos	Ter uma carreira	Preparação para concurso público pela estabilidade
Laerte	27 anos	Descobrir o que gosta e/ou tenha propósito Ter uma carreira	Ausente no último encontro
Melina	39 anos	Confirmar se está na profissão certa Desenvolver estratégias de busca de emprego	Trabalho remoto e qualidade reconhecida
Manoel	28 anos	Transição de carreira	Começo de carreira, participando de processo seletivo e trabalhando com amigos em plataforma digital
Vivian	25 anos	Confirmar se está na profissão certa	Ausente no último encontro

Discussão

No intuito de analisar e aprofundar a questão de pesquisa, nossa discussão foi coconstruída em três eixos de análise, com base no caso analisado: (1) discursos contemporâneos sobre ser jovem adulta/o e narrativas construídas pelas/os orientandas/os; (2) efeitos da intervenção sobre as/os orientandas/os (análise de mudança narrativa pela LAQuA); e (3) potencialidades do AC grupal construcionista, proposto com base nos achados relativos à intervenção.

Em termos da experiência de ser *jovem adulta/o na contemporaneidade*, compreendemos e coconstruímos quais seriam os discursos socioculturais (padrões normativos generalizantes, segundo McNamee, 2012) que referenciaram as narrativas das/os orientandas/os do grupo de AC. As narrativas coconstruídas apontam que, hoje, tudo seria transitório, incerto e instável, e que o trabalho deve ser flexível (Blustein, 2019), resultando na quase ausência de modelos de transição para a vida adulta, o que a torna uma tarefa individualizada e mais angustiante, além de exigir sucesso financeiro, tornando a pessoa empreendedora de sua própria carreira (Guichard, 2022). Questões de classe, que criam barreiras para crescer na carreira, e questões de gênero, ligadas ao cuidado, com a necessidade de conciliar carreira e família, impactam a maioria (ILO, 2022).

Com base nesses discursos normatizantes, jovens adultas/os do grupo analisado coconstruíram narrativas específicas. Entre elas, ressaltam-se: a necessidade de equilibrar os papéis sociais; a dificuldade de viver o processo com o consequente desejo do resultado garantido; a dificuldade de compreender a realidade e de tomar decisões apropriadas, em razão da complexidade de autoconhecimento; as dificuldades de narrabilidade; o grande investimento no propósito do trabalho, mas falta de plano de ação; e a vivência de um paradoxo, pois a valorização da liberdade, da independência e da autonomia pode gerar sofrimento e adoecimento mental.

Como indicam Blustein (2019), ILO (2022) e Ribeiro (2024), as juventudes contemporâneas estão sendo submetidas a discursos normatizantes que as levam a acreditar que existiria um único mundo possível, principalmente pautado nos discursos sociais recriados nas narrativas das/os orientandas/os do grupo de AC analisado. No entanto, como propõe Sultana (2018), podemos contribuir para o preenchimento dialógico das lacunas entre narrativas e discursos, partindo de suposições normativas e coconstruindo práticas situadas, entendendo que "o contexto importa" (p. 48), fazendo com que o AC possibilite que jovens adultas/os falem em seus próprios termos, o que os leva a compreender que "outro mundo é possível" (p. 48), para além dos discursos sociais predominantes.

Quanto aos *efeitos da intervenção sobre as/os orientandas/os* (a análise de mudança narrativa pelo LAQuA, Di Fabio, 2015), por um lado, houve mudanças da reflexividade, seja no sentido do seu aprimoramento, seja no sentido de seu aumento, gerando ampliação e/ou diversificação narrativa com consequente reposicionamento social. Desse modo, houve um questionamento dos discursos sociais que embasavam as narrativas saturadas, construídas, nos primeiros encontros do processo grupal, com desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, bem como a partir da nova produção de sentidos. A coconstrução foi central para esse processo e ela ocorreu entre orientandas/os, CDs e pessoas das redes de relacionamento de cada um/a – todas/os atuando como parceiras/os conversacionais. No entanto, por outro lado, parte das/os orientandas/os não conseguiu completar o processo de reconstrução narrativa com consequentes mudanças na reflexividade e abandonaram

o processo antes do seu final. Em ambas as situações, houve impactos do processo grupal sobre cada um/a, denotando sua potencialidade como estratégia para reflexão e planejamento do futuro de trabalho e carreira – objetivo central de um AC.

Em termos das *potencialidades do AC grupal construcionista*, o grupo analisado deixou claro que os diálogos conversacionais com reflexão grupal possibilitam o questionamento de verdades (flexibilização dos discursos sociais) e a coconstrução de novas narrativas, ao retirar a pessoa do isolamento que vive e estimular a cooperação, criando um espaço artificial (dispositivo grupal) para reconstrução narrativa com reposicionamento social, via coconstrução grupal. O trabalho de grupo facilita a exploração das possibilidades existentes e potenciais, bem como a coconstrução articulada de projetos e planos de ação, ao fomentar o compartilhamento e a reflexão sobre a experiência de crise de carreira, além da conscientização acerca do processo de construção de narrativas saturadas, que impedem movimentar a vida e construir projetos e planos, sendo continente das angústias e desesperanças vividas, resultantes da prisão nas narrativas saturadas (Gergen, 2020).

O AC grupal aumenta a reflexividade (refletir para mudar) – problema contemporâneo apontado anteriormente – pela postura reflexiva da dupla de CDs (parceiras/os conversacionais) de construção de diálogos conversacionais, por meio de perguntas condicionais e conversacionais que são modelo para que as/os orientandas/os façam o mesmo (Rasera & Japur, 2006). Isso explicita que produzir conhecimento é sempre relacional, processual e não hierarquizado, rompendo com o modelo da autoridade da/o especialista e estimulando o processo de horizontalização baseado no diálogo aberto para coconstruções com as/os demais (Luna, 2020). Assim, o AC grupal construcionista possibilita realizar os objetivos gerais preconizados para um AC (reflexão e planejamento do futuro de trabalho e carreira, Guichard, 2022) e introduziu os diálogos conversacionais (valorização de posturas colaborativas, dialógicas e reflexivas) para questionar verdades e reconstruir narrativas e sentidos, transformando-os, consequentemente transformando identidades e práticas, e cocriando um espaço para o reposicionamento social (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2020).

Como principais limitações do estudo, temos a análise de um único caso, sugerindo que novos casos sejam igualmente analisados, e a caracterização das/os participantes, mais próxima do perfil frequente das intervenções em OPC no Brasil (jovens, brancas/os, classe média, com formação superior); perfis diversos deveriam ser igualmente testados.

Conclusões

A prática grupal em AC construcionista é um projeto emergente; não há literatura específica sobre a temática e existe uma lacuna de proposições práticas construcionistas nesse campo, como a revisão de literatura explicitou, e é importante incluir o AC como um dos possíveis campos do aconselhamento nas produções construcionistas brasileiras. Assim, visamos contribuir para o preenchimento dessa lacuna por meio da elaboração de uma proposta de diretrizes para práticas grupais em AC, construindo um quadro referencial, sem intenção de apresentar um manual específico.

A partir de quatro momentos grupais, entendidos como processos conversacionais coconstruídos processualmente (construção do dispositivo grupal, fusão narrativa das/os participantes, transição e autonomização narrativa), o AC grupal construcionista auxilia no processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, nomeando experiências de vida, desconstruindo criticamente discursos pela compreensão da narrativa dominante, coconstruindo novas narrativas contextualizadas e gerando reposicionamento social, como os achados da intervenção analisada pelo estudo de caso apontaram, o que indica potencialidades na proposta feita. É importante destacar que nem todas/os aguentam o processo e desistem antes do seu final. Dessa forma, novos estudos com populações e contextos distintos são importantes para validação e reconstrução da proposta.

Referências

Anderson, H. (2017). O coração e a alma da prática colaborativa. In M. Grandesso (Org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações* (pp. 21-34). CRV.

Blustein, D. L. (2019). *The importance of work in an age of uncertainty*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780190213701.001.0001

Carvalho, M. M. M. J. (1995). *Orientação profissional em grupo*. Psy.

Damiani, M. F., Rochefort, R. S., Castro, R. F., Dariz, M. R., & Pinheiro, S. S. (2013). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos de Educação*, *45*, 57-67. https://doi.org/10.15210/CADUC.V0I45.3822

Di Fabio, A. (2015). Life Adaptability Qualitative Assessment (LAQuA). In K. Maree & A. Di Fabio (Eds.), *Exploring new horizons in career counseling* (pp. 43-61). Sense Publishers.

Di Fabio, A., & Maree, J. G. (2012). Group-based life design counseling in an Italian context. *Journal of Vocational Behavior*, *80*, 100-107. https://doi.org/10.1016/j.jvb.2011.06.001

Fernandes, T. R., & Nascimento, V. A. (2019). O estado da arte: Construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *28*(64), 6-19. https://doi.org/10.38034/nps.v28i64.495

Gergen, K. J. (2020). Constructionist theory and the blossoming of practice. In S. McNamee, M. M. Gergen, M. Gergen, C. Camargo-Borges, & E. F. Rasera (Eds.), *The Sage handbook of social constructionist practice* (pp. 3-14). Sage.

Gergen, K. J. (2022). *An invitation to social construction: Co-creating the future*. Sage.

Guanaes-Lorenzi, C. (2017). Recursos para facilitação de grupos em um enfoque construcionista social. In M. Grandesso (Org.), Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações (pp. 399-418). CRV.

Guichard, J. (2022). From career guidance to designing lives acting for fair and sustainable development. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, *22*, 581-601. https://doi.org/10.1007/s10775-022-09530-6

International Labour Organization. (2022). *Global employment trends for youth 2022*. ILO.

Kaliris, A., & Issari, P. (2022). Exploring narrative ideas in career counseling. *Open Journal of Social Sciences*, *10*(2), 365-380. https://doi.org/10.4236/jss.2022.102026

Kang, Z., Kim, H., & Trusty, J. (2017). Constructivist and social constructionist career counseling. *Career Development Quarterly*, *65*(1), 72-87. https://doi.org/10.1002/cdq.12081

Lehman, Y. P., Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., & Silva, F. F. (2015). A psychodynamic approach on group career counseling. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, *15*, 23-36. https://doi.org/10.1007/s10775-014-9276-0

Luna, I. J. (2020). Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *29*(68), 46-60. https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585

Maree, K. (2019). *Shaping the story: Guide to facilitating narrative career counselling*. Brill.

McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by*. Guilford Press.

McIlveen, P., & Schultheiss, D. E. (Eds.). (2012). *Social constructionism in vocational psychology and career development*. Sense Publishers.

McMahon, M., & Abkhezr, P. (Eds.). (2024). *Narrative career counselling*. Taylor & Francis.

McNamee, S. (2010). Research as Social Construction: Transformative Inquiry. *Health & Social Change*, *1*(1), 09–19. https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/418

McNamee, S. (2012). From social construction to relational construction. *Psychological Studies*, *57*(2), 150-156. https://doi.org/10.1007/s12646-011-0125-7

McNamee, S., Gergen, M. M., Gergen, M., Camargo-Borges, C., & Rasera, E. F. (Eds.). (2020). *The Sage handbook of social constructionist practice*. Sage.

Rasera, E. F. (Ed.). (2015). *Social constructionist perspectives on group work*. Taos Institute.

Rasera, E. F., & Guanaes-Lorenzi, C. (2020). Contributions of social constructionism to group work. In S. McNamee, M. M. Gergen, C. Camargo-Borges, & E. F. Rasera (Eds.), *The Sage Handbook of Social Constructionist Practice* (pp. 160-170). Sage. https://doi.org/10.4135/9781529714326.n16

Rasera, E. F., & Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *14*(1), 201-209. https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100017

Rasera, E. F., & Japur, M. (2006). Sobre a preparação e a composição em terapia de grupo: Descrições construcionistas sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *19*(1), 131-141. https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100018

Rasera, E. F., & Japur, M. (2018). *Grupo como construção social*. Noos.

Ribeiro, M. A. (2022). Orientação de carreira: Uma perspectiva socioconstrucionista. *Revista Psicologia em Pesquisa*, *16*(3), 1-26. https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31677

Ribeiro, M. A. (2023). Orientação Profissional e de Carreira (OPC): Trajetória e projeto – Da tradição à inovação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, *24*(2), 125-136. https://doi.org/10.26707/1984-7270/2023v24n0202

Ribeiro, M. A. (2024). Post-pandemic challenges for career counseling with emerging adults. In A. M. Columbus (Ed.), *Advances in psychology research* (Vol. 154, pp. 131-152). Nova Science Publishers.

Ribeiro, M. A., Knabem, A., Beliomini, L. A., & Almeida, M. C. (2024). Aconselhamento de carreira numa perspectiva construcionista. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *34*(77), 19-31.

Rossier, J., Cardoso, P. M., & Duarte, M. E. (2021). The narrative turn in career development theories. In P. J. Robertson, T. Hooley, & P. McCash (Eds.), *The Oxford Handbook of Career Development* (pp. 169-180). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190069704.001.0001

Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F. (2011). Aconselhamento de carreira: Uma apreciação construcionista social. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, *12*(1), 49-60. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v12n1/07.pdf

Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein.

Stead, G. B., & Subich, L. M. (2017). Career counselling practice. In G. B. Stead & M. B. Watson (Eds.), *Career psychology in the South African context* (pp. 119-135). Van Schaik.

Stead, G. B., Perry, J. C., Munka, L. M., Bonnett, H. R., Shiban, A. P., & Care, E. (2012). Qualitative research in career development: content analysis from 1990 to 2009. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, *12*, 105-122. https://doi.org/10.1007/s10775-011-9196-1

Sultana, R. G. (2018). Responding to diversity. *Indian Journal of Career and Livelihood Planning, 7,* 48-51. https://jivacareer.org/wp-content/uploads/2022/12/6-Ronald.pdf

White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. Norton & Company.

Young, R. A., & Collin, A. (2004). Constructivism and social constructionism in the career field. *Journal of Vocational Behavior*, *64*, 373-388. https://doi.org/10.1016/j.jvb.2003.12.005

Contribuição dos Autores
Ribeiro, M. A.: Conceituação, Análise formal, Supervisão, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Knabem, A.: Conceituação, Análise formal, Supervisão, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Almeida, M. C. C. G.: Conceituação, Análise formal, Supervisão, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Beliomini, L. A.: Conceituação, Análise formal, Supervisão, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.

Fonte de Financiamento
Este trabalho não contou com suporte financeiro ou financiamento específico de agências de fomento.

Conflito de Interesses
Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais
Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial
Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade
A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares
Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável
Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados
Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X